ANO 5.º

Sexta-feira, 24 de Maio de 1912

NUMERO 222

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
(*)
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

UMA ATITUDE

Diz-se que vão ser propostas ao parlamento medidas tendentes a reprimir com energia abusos de funcionários públicos, que são contrários á Republica, e que essas medidas, por serem consideradas de salvação pública, teem o apoio de todos os grupos politicos do parlamento.

Oxalá assim seja; oxalá que os republicanos portuguêses a quem estão confiádos os destinos désta patria, se compenetrem das grâves responsabilidades que sobre êles impendem e se esforcem por bem servir a nação pondo de parte questiunculas estéries entre si, que são uma vergonha e de que os inimigos da Republica se aproveitam como arma preciosa para a combater.

Nós sômos do numero de aquêles que repróvam *á outrance* a formação de partidos pelo menos emquanto a Republica não estivér consolidada e Portugal não entrar naquéla fase de vida nova porque todos ambicionávamos, trabalhando com desinteresse na preparação dos espiritos para o advento do grande dia em que julgávamos éla fosse inaugurada. Já veem, por isso, que podêmos falar e falar de alto, visto como não pertencendo ao grupo A, ao grupo B ou ao grupo C as nossas responsabilidades são nenhumas em face déssa politica dimanáda da capital, sem respeito algum pelo resto do país, nem decôro pelos principios que nos guiáram na conquista do moderno ideal cuja realidade trouxe a este canto do ocidente a esperança de melhores dias, sem contudo, até hoje, ainda não passarmos além dessa esperança. E lembrarmo-nos nós que a Republica já foi proclamada ha ano e meio... Ano e meio de paliativos, trabalho quasi inutil, que tão bem podia ser aproveitádo se não houvesse tanta generosidade com os seus declarádos inimigos, e da parte dos que constituem a *élite* intelectual do partido, se puzesse um poucochinho mais de patriotismo, de isenção e de bôa vontáde em servirem as instituições, arredádos de quasquer vaidades ou interesses prematuros. Mas teria chegádo o momento de se reconsiderar? Tudo léva a crer que sim, mórmente se se confirmar a noticia dos jornaes ácêrca da proposta de lei sobre o castigo a aplicar aos funcionários públicos que se mostrem hostís ao regimen e que a nosso vêr déve ser extensiva á magistratura de quem a Republica está sofrendo os maiores e mais traiçoeiros golpes, o que é um cumulo nos tempos que vão correndo.

Convença-se o govêrno, convençam-se os homens que mais ou menos teem ingerencia nos negocios do Estado, que sem ordem não se póde trabalhar nem progredir. E Portugal, mais do que qualquer outra nação, caréce de paz nos espiritos, socêgo absoluto para, sob a bandeira verde-rubra da revolução de Outubro, mostrar ao mundo as razões que lhe assistiam ao desenvencilhar-se para sempre das velhas e caducas instituições monarquicas. E' dificil o problêma? Não é. Basta que os dirigentes republicanos reflitam um momento na situação e se resolvam duma vez a pôr côbro aos desmandos que se veem praticando em nome duma falsa justiça, que enodôa os tribunaes portuguêses, atendendo os protéstos da opinião pública que reclama contra todas as vergonhas, contra todas as infamias praticádas sob a capa do mais revoltante cinismo.

Os nossos louvôres vão, pois, para aquêles que, convictos dum devêr, defendem a Republica com altivez, e sem tergiversações estão dispostos a colaborar em todas as propostas de lei tendentes a imprimir ao govêrno a força indispensavel para meter na ordem os preturbadores do nosso socêgo a quem nenhum direito assiste, apezar de tudo, de revolta contra o existente.

Coisas & tal

Em 50 anos

Segundo os calculos que ha pouco viéram a público, nota-se que no espaço de 50 anos de constitucionalismo outorgádo, isto é, desde 1860 até 1910, houve no nosso país um *deficit* orçamental de 330.927:000$000 de reis que se sumiram por quantos alçapões os monarquicos inventáram, com manifesto prejuizo dos que contribuiam para os cofres do Estado, que nem sequer um caminho lhes arranjavam a não ser... *por muito favor*...

Processos de governar...

Falar claro

O director dêste jornal, exatamente porque tem a consciencia dos seus actos,não se arreceia de que os *pasquins* que o tentam abocanhar falem com clareza a seu respeito para que toda a gente compreenda com quem se entendem as insinuações malévolas de que se fazem éco. Uma coisa, porém, exige—é pessoa idonea que possa ser chamáda a provar no tribunal ou noutra qualquer parte, mas só a provar, a verdade das acusações contra si urdidas.

Isto para que nenhum malandro, dos muitos que infêstam a cidade, possa tomar o nosso silencio á conta de cobardia ou retraimento, visto que lêmos tudo e tudo percebêmos, á exceção das metáforas...

Sôma e segue

Devido á vigilancia constante dos republicanos espanhoes, as autoridades do visinho reino aprehenderam ultimamente grande quantidade de armas e munições destinadas aos conspiradores portuguêses, constando que outras remessas veem a caminho e que bréve se dará a anunciáda incursão.

Ninguem calcula como nos alegra ésta ultima noticia, mais do que a primeira. Pertencêmos ao numero dos que desejam que os *paivantes* entrem quanto mais depressa melhor, e por isso o nosso entusiasmo sóbe de ponto apenas nos chega ao conhecimento que os homens se sentem com cócegas...

Reeditando

Num numero da *Gazêta Feirense*, conhecido jornal *talassa* da Vila da Feira, que nos chega ás mãos, são agora reeditadas aquélas frases de *mau filho* e *mau cidadão* com que o *orgão dos taberneiros* désta cidade um dia pertendeu ferir-nos, mas que o pulha que as fez publicar enguliu logo no n.º seguinte em virtude duma carta em que era emprazádo a dizer as razões que tinha para afirmar o tal. Como então, nós podiamos convidar hoje o malandrim da Vila da Feira a provar a sua asserção, seguros do mesmo exito. Entendemos, todavia, não valer a pena, mesmo porque *vozes de burro não chegam ao céo*, quanto mais os latidos da matilha quando se põe a ladrar...á lua...

Tem graça e...

O orgão do pensionista do Estado, Machado Santos, anunciou ha dias que passa a publicar-se á noite explicando o caso da seguinte fórma:

> «Após longos mezes de publicação diaria e matutina, a nossa gazeta, sem querer, ia entrando na esfera de acção e de outros jornaes, fazendo-os baixar de tiragem e prejudicando-os, portanto, nos seus interesses materiaes.
>
> Como o desejo do seu director, ao fundal-o, não era esse, mas ter apenas um orgão politico e orientador das massas revolucionárias, sem qualquer ideia mercantilista, *O Intransigente* passará a ser um jornal do noite a contar do dia primeiro do proximo mez de junho.
>
> O que se anuncía *urbi et orbi*, para conhecimento de todos.»

Por sua vez a *Lucta* comenta:

> «Declarou ontem *O Intrasigente* que, para não prejudicar a venda dos seus colégas matutinos, passará a publicar-se á noite, a começar no primeiro dia de junho.
>
> Tremam, pois, os jornaes noturnos, que nós vamos agradecer a graça que nos é feita.
>
> Qualquer dia o sr. Machado Santos, para não prejudicar os outros estadistas, declara que abandona a politica.
>
> *Les portugais*...»

Sim. Os portuguêses são sempre alegres mesmo quando, como o sr. Machado Santos, nos querem convencer do seu *desinteresse*...

Do que se havia de lembrar o heroe da Rotunda...

Livros

Nada menos de tres, quasi á junta, fôram publicádos agora, versando os dois primeiros sobre a conspiração monarquica de Paiva Couceiro e o ultimo, do sr. Teixeira de Souza, presidente do conselho de ministros á data da proclamação da Republica, que nêle expõe os antecedentes da revolução de Outubro bem como outros assuntos que com éla se prendem.

Daquêles são autores dois conspiradores desavindos, Manuel Valente e Abilio Magro, e isso nos basta para a classificação da sua obra em volta da qual por principio algum se devia ter feito o barulho que se fez, a começar pelos jornaes republicanos.

Nunca o célebre *bufo* Abilio Magro se viu guindádo a homem de categoria, com tanta facilidade, como nos tempos que vão correndo...

Já fêde

Assim intitula o *Intransigente* um dos seus ultimos artigos de fundo.

Mas fêde quem? O sr. Machado Santos?

Os tres

Era sabido. O *Intransigente*, *Dia* e *Republica* declaram-se em franca oposição ao projecto de lei sobre os funcionarios do Estado que enxovalham e atraiçoam a Republica. O *Dia*, esse, até lhe chama já *lei do garrote* encarregando-se Machado Santos, com todo o seu *talento*, de lhe dar quatro abanadélas capazes de deitar abaixo o mais frondoso castanheiro...

Mas não hade ser nada, se Deus quizer...

Emquanto ao que diz o sr. Antonio José de Almeida, atual chefe do evolucionismo, só lamentámos que s. ex.ª tenha esquecido tão depressa as suas palavras de 1909 e que se resumiam apenas nisto:

«Para que a evolução se faça rapida são indispensaveis os processos revolucionarios. E' preciso o cataclismo que arrase, o incendio que purifique. O que se está passando não vai com palavras: vai com factos.»

Ora, positivamente, o govêrno não se vai guiar pelas recomendações do sr. Antonio José. E sendo assim têmos que a lei, se fôr decretáda, ficará muito á quem dos desejos manifestádos pelo exministro do Provisório que viu a Republica implantáda sem os taes *cataclismos que arrasam*, nem os *incendios que purificam*.

E não quer agora que a defendam!

O' incoerencia das incoerencias!

Já tarda

E' esperádo com enorme anciedade o agradecimento dos presos politicos de Aveiro, cuja inocencia do crime que lhe imputávam, o tribunal do Porto se encarregou de proclamar, pois consta que até as pedras chorarão de dôr ao ouvirem as queixas dêsses verdadeiros *martires*...

Déve ser de arrepiar, não ha duvida. E se fôr escrito pelo *paesinho*, nem no *Chiado*, nem no *Novo Mundo* haverá lenços que cheguem para estancar tanta lagrima...

No fim

— Então que o traz por aqui?

— O' sr. dr.; ando escavacádo da enterite, levado do diabo... Nada como, magro, mesmo *escalête* de todo, e não sei que havemos de fazer a isto...

— Olhe: como unico recurso, experimente... dez mezes de cadeia...

— ?!

— Verá. Remedio santo, afianço-lhe... Só o descanço...

NO TRIBUNAL DO PORTO

Jaime de Magalhães Lima

testemunha de defeza do acusado de conspiração Jaime Duarte Silva

> História largamente o sr. dr. Magalhães Lima a sequencia de desmandos que certos republicanos praticáram contra o dr. Jaime Silva e termina com um caloroso elogio a este talentoso causidico, a quem os aveirenses devem milhares de beneficios e cujas superiores qualidades de inteligencia, honestidade e bondade enaltece com entusiasmo.
>
> *(Jornal de Noticias, n.º 115 de 15 de maio de 1912.)*

Banida dos tribunaes a antiga formula de juramento sobre os evangelhos, a testemunha declára presentemente — *pela sua honra* — dizer a verdade.

E foi, satisfazendo essa formula que o sr. Jaime Lima—*pela sua honra*—declarou dizer a verdade, como testemunha no julgamento do seu amigo Jaime Silva. E declarando dizer a verdade — *por sua honra*—disse entre outras cousas, que Jaime Silva era *honesto!*

O sr. Jaime Lima—triste é dizel-o e com pesar o escrevêmos—sempre que seja preciso ferir a Liberdade, seja qual fôr o aspecto com que éla se apresente, aparéce como um clarão sinistro iluminando o quadro e ensaguentando as mãos!

Herdeiro dum nome suficientemente conhecido no país, irmão dum homem do conhecimento e admiração mundiaes, o sr. Jaime Lima representante, que foi, aqui, de diversas *nuances* politicas, acabando por ser o chefe do franquismo, onde ficou, apezar da defecção desse grupo e do perjurio do seu chefe supremo — João Franco; Jaime Lima servindo-se de todas estas condições que cercam o seu nome e a sua individualidade, reaccionario feroz por instinto e sem escrupulos, êle tão facilmente se exibe em público, enlevádo na cobertura da sua ópa, caminhando cadenciada e marcialmente ao som da marcha funebre que dá a nota plangente ao préstito religioso ou então, *panneau* decorativo de manifestações reaccionarias apresentadas no julgamento dum Meireles ou dum Silva, eil-o, Tolstoi de faiança, emprestando-se ou acudindo presuroso para realce da scena que é preciso engrandecer!

Mas... não lute em vão, sr. Jaime Lima; não se debata inutilmente nêsse esforço infrutifero!

Voltar o passado é uma fantasia, que apenas a sua imaginação acalenta.

O passado—retrocésso; o passado—crime; o passado—fanatismo!

Para que um antigo mundo desapareça, basta que a civilisação, subindo magestosamente para o seu solsticio, irradie a sua luz sobre as velhas instituições, os velhos prejuizos, as leis velhas e os velhos costumes. Esta irradiação queima o passado e devora-o. A civilisação ilumina, facto este que é visivel, e ao mesmo tempo consome, facto que é misterioso. Ante a sua influencia lentamente e sem abalo, o que deve declinar declina; o que deve envelhecer envelhece; aparecem as rugas nas coisas condenadas, nas cartas, nos codigos, nas instituições, nas religiões.

Este trabalho de decrepitude realiza-se de certo modo por si proprio. Prepara-se pouco a pouco a ruina; profundas fendas que se não vêem, ramificam-se na sombra e reduzem interiormente a pó o edificio secular que parece ostentar solidez visto de fóra; mas um belo dia, subitamente, aquêle antigo conjunto de factos carunchosos de que se compõem as sociedades caducas, torna-se disforme; o edificio descunjunta-se, despega-se e sae fóra do prumo.

Cae.

E não serão os vossos esforços que o poderão manter, sr. Jaime Lima.

Desfazer o trabalho de vinte gerações; matar do seculo 19.º agarrando-os pelo pescoço, tres seculos, o 16.º, 17.º, 18.º isto é, Luthero, Descartes e Voltaire, o exame religioso, o exame filosofico, o exame universal; esmagar em toda a Europa essa imensa vegetação do livre pensamento, frondoso roble aqui, relva rasteira ali; casar o knut e o hissope; haver mais Hespanha ao sul e mais Russia ao norte; ressuscitar tudo quanto fosse possivel da inquisição e abafar tudo quanto se podesse relativamente á inteligencia; embrutecer o futuro, fazer assistir o mundo ao auto de fé das ideias; derrubar as tribunas, suprimir o jornal, o cartaz o livro, a palavra, o grito, o murmurio, o sôpro; fazer o silencio; perseguir o pensamento nas caixas tipograficas, no componedor, no tipo de chumbo, nos cunhos, na litografia, na imagem, sobre o teatro, sobre o tablado, na bôca do actor, no caderno do mestre-escola; dar a todos como fé, como lei, como alvo e como deus, o interesse material; dizer aos povos: comei e não penseis; tirar o homem do cerebro e metel-o na barriga; extinguir a iniciativa individual, a vida local, o impulso nacional, todos os instintos profundos que impelem o homem para o direito; aniquilar esse—eu—das nações que se chama Patria; destruir a nacionalidade entre os povos desmembrados, as constitucionaes, a liberdade por toda a parte; pôr o pé sobre o esforço humano; em uma palavra, fechar esse abismo que se chama o Progresso, tal foi o vasto plano, enorme, que ninguem concebeu, pois que nenhum desses homens do mundo velho tinha genio para tanto, mas que todos seguiram!

E no coice dos negros apostolos dessa negra reacção, ides vós, dr. Jaime Lima, feito esbirro protector duma ideia que morreu!

* * *

> Mas quiz ouvir os depoimentos dos homens da envergadura moral e intelectual daquêles que ali depozéram, na frente dos quaes coloca o dr. Jaime Magalhães Lima, cavalheiro honradissimo e lidima gloria de Portugal.
>
> *(Do discurso de Francisco Joaquim Fernandes, advogado de defeza,* Jornal de Noticias *n.º 115, de 15 de maio de 1912.)*

Pela sua honra declara dizer a verdade. E como verdade o sr. Lima fala na generalidade de desmandos dos republicanos contra o Jaime Silva, sem contudo precisar um facto sequer, acabando por chamar-lhe—*por sua honra*—bondoso e honesto!

Para ser honesto é preciso ser moral e o sr. Lima não conhece da moralidade de Jaime Silva? Então o sr. Lima conhece e fantasia a seu *talante* toda a historia politica, nas mais insignificantes minucias, e desconhece o que é do conceito público ha tão largos anos?

A moral da sociedade difére da moral da familia?

A desmoralisação do homem individualmente considerada não significará que, como elemento constituido da sociedade, é absolutamente prejudicial a essa mesma sociedade?

Jaime Lima cometeria sem uma vacilação todos os actos praticados por Jaime Silva, que, como todos os habitantes de Aveiro, o sr. Lima conhece sobejamente?

Como se tenta fazer crêr, como se pretende, com tal cinismo, á sombra dum nome que se devia honrar e duns cabelos brancos que se deviam respeitar, erguer o que ha tanto cai por a sua propria podridão, aniquilado por o efeito

lento dum suicido moral de ha muito e lentamente perpetrado?

Como é que um homem que se considera um caracter — no mais completo da frase—com filhos que carecem das suas lições, e, para melhor orientação da vida—dos seus exemplos—que é mais alguma cousa; como quer que a opinião ilustrada, sensata e observadora, classifique e julgue aquêle que lhe apresenta como honesto, honrado e digno quem desde a honestidade do lar da propria familia, á defeza por seus actos, do proprio nome, tudo esqueceu, transformando em lupanares os leitos conjugaes dos seus e em *escroqueries* o desempenho de funções inerentes a uma profissão alevantada e nobre?

E quem conhecendo tudo — porque é absolutamente impossivel que o desconheça—se exibe voluntaria, espontaneamente num tribunal, arca santa onde se ministra a justiça pela apreciação iniludivel da verdade—base das mais sublimes virtudes—e em cujo templo, *pela sua honra*, diz que falaria a verdade, verdade de todos, verdade sem sofismas, verdade *verdadeira*, a verdade do crente, a verdade de Jesus, alicerce formidavel da sua imorredoura doutrina, a verdade dos apostolos e dos santos, de cuja vida em varias paginas, o sr. Jaime Lima escreveu?

Então o sr. Lima obsecou-se tanto, sugestionou-se de tal fórma, alucinou-se perante a figura grandiosa da Liberdade, que o misero amigo tentára apunhalar, que julgou nada sofrer o seu caracter e o seu nome, tido até então por uma maioria ainda, como honrado e justo?

O sr. Lima não se recordou que o seu nome, que será herdado por seu filho e por suas filhas, o que é mais gráve, pois o coração feminino dificilmente preverte o sentimento da dignidade, tão estreitamente identificado com a sua vida, sentimento que se transforma no seu constante remorso quando, ferida pela maior das infelicidades, a mulher, a mais formosa e completa creação da natureza é atirada para a vala comum das desgraçadas? O sr. Lima, diziamos, não refletiu que a sua atitude e as declarações feitas *por sua honra*, poderiam ser escutadas a dentro do seu lar, por sua familia?

Não se lhe confrangeu o coração, quando, chamando honesto ao deshonesto, moral ao imoral, digno ao indigno, animado apenas pelo intimo consolo de patentear o seu odio ao Progresso e á Liberdade, na sua mente surgíu a figura luminosa e nobilissima de seu irmão —qne não mente — o devotado e stoico defensor e propagandista da Verdade?

E ámanhã, quando no convivio da familia, após a refeição, no doce conchego da meza, enlevado na presença de todos, vier a proposito, nas constantes palestras elucidativas que todos os paes mantêm, falar da honestidade, da moralidade e da honra; quando Jaime Lima divagar com a sua reconhecida hermeneutica sobre o assunto e que os filhos lhes peçam um exemplo vivo e evidente, animado por esses sentimentos, Jaime Lima não vacilará e dir-lhes-ha — *pela sua honra*—e pela verdade, como afirmou no tribunal perante dezenas de patricios:—esse exemplo encontral-o-ão em Jaime Silva—segui-o nos seus actos, na sua dignidade, na sua honra?!

A ironia de nós mesmos é o começo da baixeza!

E néssa estrada está dado por vós o primeiro passo, Jaime Lima.

* * *

A primeira testemunha a entrar na sala é a veneranda e simpatica figura do sr. dr. Magalhães Lima. Diz o ilustre intelectual que em Aveiro houve desde 5 de Outubro de 1910 duas fases inteiramente opostas: uma toda de paz outra de terror. Esta consagrada por violencias e arbitrariedades de toda a ordem, teve como unica causa a provocal-a a fundação dum centro republicano em que entrava o dr. Jaime Silva.

(*Jornal de Noticias, n.º 115 de 15 de maio de 1912.*)

Por minha honra — declaro dizer a verdade. Mais uma vez e nas palavras que acima transcrevemos—*por sua honra*—faltou á verdade, sr. Jaime Lima!!

Esse centro, unica causa originaria de tantas violencias e arbitrariedades, como afirma, fôra fundado por quem? Por Jaime Silva? Talvez. Mas diga tudo, diga tudo, sr. Lima. Conclua a sua informação, o seu testemunho—por Jaime Silva e por Homem Cristo!

Não cométa o sacrilegio, o crime de os separar. Não. Elês são bem dignos um do outro. *Arcades ambo.*

Exponha-os, exiba-os ao auditorio presente, que vos aplaudirá, enquanto cá fóra o país inteiro velará a face contrariada pelo vosso gesto, lembrando-se da grandiosa individualidade do dr. Sebastião de Magalhães Lima, que nunca mentiu.

Extraordinario contraste! Incompreensivel antitese!

Mas atendei:

Outr'ora havia um mundo onde se caminhava a passos lentos, com as costas curvadas, a fronte baixa; em que um livro era uma especie de infamia e de imundice que o carrasco queimava nos degraus dos palacios da justiça; em que a ferocidade e a superstição davam as mãos; em que o papa dizia ao imperador: jungamus dexteras, gladium gladio copulemus—apertêmos as mãos e unâmos as espadas, *em que se encontrava a cada passo cruzes com amuletos e forcas com cadaveres humanos; em que havia hereticos, judeus e leprosos; em que as casas tinham ameias e seteiras; as cidades com penalidades e proibições; em que excetuando a autoridade e a força que aderiam estreitamente tudo estava encerrado em castas, repartido, cortado, dividido, partido em pedaços, odiado, odiando-se, disperso e morto, o homem feito pó, o poder rocha.*

Hoje ha um mundo em que tudo está vivo, unido, combinado, jungido, confundido; um mundo onde reinam o pensamento, o comercio e a industria; um mundo em que a luz aumenta de momento para momento; em que a distancia desapareceu; em que a America e a Europa tem o mesmo pulsar de coração; um mundo todo circulação e amor, de que a França é o cerebro, os caminhos de ferro as artérias e os fios electricos as fibras.

Não veem que basta apenas expôr uma tal situação para tudo se explicar, demonstrar e resolver? Acaso não se sente que o mundo antigo tinha fatalmente uma alma velha—a tirania—e que ao mundo novo vae descer necessariamente, irresistivelmente, divinalmente uma alma nova—a Liberdade?

Essa liberdade que odiaes, Jaime Lima, e para o combate da qual correis presuroso, na defeza dum Jaime Silva, ou dum João Brandão! Mas não nos intimidêmos com isso; não nos deixêmos abater. Não. Desesperar é desertar.

Esperêmos, firmes e crentes. A mentira desabará e sepultar-se-ha nos escombros do velho edificio que cae. E' uma condição imutavel das leis da humanidade. Contemplemos o futuro. O futuro que é o triunfo da Verdade, o engrandecimento da Patria, a auréola resplandescente da Republica!

A luz que vos cega Jaime Lima!

Usae luneta fumada, Jaime Lima! A nuvem tambem encobre o sol, mas o sol volta mais reluzente e mais vivo! E assim será sempre, Jaime Lima! Sempre até á consumação dos seculos.

Sempre emquanto houver nuvens negras, um Loyola, um Torquemáda, um Jaime Lima.

Uma resposta

Ha tempos o nosso coléga do norte, *A Montanha*, perguntava se alguem lhe saberia dizer se um individuo que tinha por costume fechar envelopes, colar selos e andar em recados oficiaes, era um antigo franquistasinho á espéra de qualquer sóbrasita do orçamento.

Não sabêmos se realmente a creatura em questão era ou não do tal grupo canibalesco; mas o que podêmos dizer á *Montanha* hoje é que talvez fosse um pouco peor, visto que estáva inscrito como irmão nos *in folios* da congregação jesuitica de S. Vicente de Paula, de Coimbra, por conta da qual trabalhava, procurando arranjar adeptos, que por meios engenhosos leváva a lá inscreverem-se.

Hoje é secretario particular do sr. Governador Civil do Porto, aparecendo por vezes em festas liberaes, olhando, petulante e sobranceiramente, para quem, valendo mais e tendo sido e sendo mais honesto do que ele, todavia, em virtude da Republica orientada e entendida, como os avós analfabetos do nosso povo, julgávam a palavra, são menos, ou mesmo não chegam a ser coisa alguma.

Santo país! Maravilhoso povo! Magnanimidade das magnanimidades, caro coléga!...

As irmãs da caridade,
pum!...
móram na quinta amarela...
etc.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

BRADO PATRIOTICO

O Directorio do Partido Republicano, á frente do qual se encontram homens de incontestavel valor e preponderancia e cujo prestigio estêve sempre acima de qualquer suspeita, acaba de dar á publicidade mais um honroso documento, que constitue, a nosso vêr, quer para si quer para os velhos republicanos portuguêses, fieis aos principios democraticos, um util incentivo á união de todos em volta da bandeira verde-rubro que é, desde 5 de Outubro de 1910, o simbolo da nossa querida Patria.

Tornal-o bem conhecido, espanhal-o para que as ideias nêle expendidas frutifiquem e produzam os desejados efeitos, é dever de todo o republicano que presa a sua dignidade e jámais consentiu que puzéssem em duvida a linha da coerencia que se desvanéce de ter mantido, emquanto outros seguem o caminho errado das conveniencias, inutilisando-se e comprometendo com isso as novas instituições.

Pondérem, pois, os nossos leitores:

A maneira carinhosa e efusiva por que o Directorio foi reconduzido e a memoravel manifestação que lhe tributou a assembleia magna do Congresso de Braga indicam-lhe um dever a que não pode nem deve esquivar-se. De sobejo sabem todos que os membros do atual Directorio estavam firmemente decididos a não aceitar a sua reeleição. E só um alto motivo de solidariedade podia preponderar nos seus espiritos até ao ponto de modificarem a sua resolução. Esse motivo, que acima fica consignado, se, por um lado os lisongeia pelo reconhecimento da sinceridade com que procederam, em todos os seus actos, que foram sempre pautados pela mais stricta imparcialidade, por outro lado impõem ás comissões republícanas responsabilidades por demais evidentes.

O atual Directorio continúa a ser o representante do glorioso Partido Republicano que já existia antes de 5 de Outubro. A' sua guarda e vigilancia confiou o Congresso de Braga as antigas tradições do mesmo Partido. Todos os republicanos portuguesês, sejam quais forem as suas simpatias pessoais e afinidades politicas, teem nêle cabida. E de esperar é que o povo republicano aceite este apelo, como o apelo de verdadeiros patriotas e de bons e leais republicanos, que outros fins não tem que não seja a concentração de forças partidarias.

O actual Directorio, saido do Partido, quer governar com o Partido. Nada pede para si, para qualquer individuo ou para qualquer agrupamento. Mas tudo pede para o seu Partido, exclusivamente para o seu Partido, num intuito conciliador e de pacificação partidaria que as circunstancias politicas aconselham e o patriotismo recomenda.

Não póde nem deve abdicar um Directorio, que conta com a adesão de cêrca de 2:000 agremiações que representam uma força real e efectiva, e que póde e deve ser um precioso colaborador dos govêrnos.

Apagar a historia do Partido Republicano o mesmo seria que iliminar a memoria daquêles que, como Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, José Falcão, Azevedo e Albuquerque, Latino Coelho, Oliveira Marreca, etc., serviram a causa da Liberdade e da Patria. Apagar a historia do Partido Republicano o mesmo seria que apagar a dedicação, o sacrificio, o heroismo dos percursores da Revolução. Seria praticar obra de cinismo e de feia ingratidão.

O Congresso de Braga foi uma demonstração das forças do velho Partido Historico. A historia póde falsificar-se, póde deturpar-se Mas não póde rasgar-se, sob pena de se cometer um crime.

O patriotismo representa o esforço de todos os cidadãos em prol do resurgimento da Patria. E esse resurgimento, que todos anceiam e que todos reclamam imperiosamente, só póde sair da união, da disciplina dos elementos republicanos, em vista de uma grande obra a realizar — obra comum que será o resultado da confiança reciproca.

O Directorio, legitimo delegado do Partido, continuará no seu posto, como até aqui, alheio a todas as paixões, a todo o faciosismo e a quaesquer inclinações pessoais ou politicas, seguro do apoio do Povo Republicano e certo de que não apela debalde para a opinião e para a devoção civica dos seus correligionarios.

A luta entre a Reacção e a Liberdade ainda não terminou. Mais do que nunca convem que nos mantenhamos atentos e vigilantes. E, assim como a proclamação da Republica foi o resultado da nossa união, assim tambem a sua estabilidade e a sua defeza hão-de ser o producto da nossa solidariedade. Divergencias, se as ha, só são admissiveis em questões secundarias, mas nunca em questões fundamentais de principios e de salvação pública. O Directorio a todos faz justiça, e espera que todos, por seu turno, a façam tambem a êle e ás suas intenções.

Lisboa, 6 de Maio de 1912.

O Directorio: **Antonio Xavier Correia Barreto, Joaquim Teofilo Braga, José Joaquim Pereira Ozorio, Luis Filipe da Mata e Sebastião de Magalhães Lima.**

AFIANÇÁDOS

Por terem prestádo fiança de tres contos de reis conforme lhes fôra arbitrado pelo tribunal da Relação, sairam da cadeia do Limoeiro, em Lisboa, onde se encontrávam desde 27 de março, os implicádos no *complot* monarquico do distrito de Aveiro, padre Abel Gomes da Conceição e Silva, redactor do pasquim reaccionario que se publicáva em Oyã, *Ecos do Vouga*, João Pereira da Silva, Manuel de Matos Ala, e os padres Joaquim Ferreira Manêta e José Rodrigues.

Santa Justiça, esta, que herdámos da monarquia!...

Oferecimento

Na sesssão da câmara, ontem realisáda, foi oferecido pelo sr. Manuel Rodrigues da Cunha, que se achava presente, o terreno indispensavel para a construção duma casa de escola na Povoa do Paço, freguezia de Cacia, o que a câmara aceitou, resolvendo agradecer por oficio ao benemerito cidadão a sua generosa dádiva.

BREVEMENTE:

Casta Suzâna
e Amor de Principe

Processões

Não ha meio. Vâmos entrando na convicção que só depois de um conflito, que, a dar-se, antevemos, hade ir bem longe, se acabará de vez com essas ridiculas exibições, como ainda no domingo passado aí tivémos, percorrendo as ruas da cidade.

Como sempre, conflitos iminentes, porque decididamente não estâmos para suportar imposições que resultam uma ofensa á nossa propria consciencia e uma afronta á lei que nos diz garantir o modo de sentir, livremente, de cada cidadão.

Se na Gafanha ou na Murtoza póde haver com a crassa ignorancia popular uma transigencia, permitindo a autoridade a saida de procissões, e é este o espirito da lei na parte relativa á condicional concessão do culto externo, nésta cidade, taes autorisações chegam a ser ofensivas, permitam-nos a franqueza, do critério donde dimanam essas ordens, porque á parte a ofensa á lei e á opinião liberal, os préstitos religiosos são, sem duvida, um incentivo que póde produzir um choque de gravissimos resultados. E de quem será depois a responsabilidade?

Da proibição dum tal acto o que resultará de prejuizo para a cidade? Absolutamente nada; mas ainda que o produzisse, bem mais preferivel será evitar conflitos e desordens, que só servirão de motivo para novos argumentos justificativos do estado anarquico em que vive o país, refletindo-se então nas instituições todo o mal que certamente daí resulta, do que transigir com taes autorisações.

Em nome da ordem e dos interesses de todos, pedimos a quem compéte, que, pondo de parte os amuos dos interessados, indefira taes pedidos, a tempo de evitar colisões e respectivas consequencias, que terão de ser bem tristes e profundamente desagradaveis.

"Vida Internacional,,

Intitula-se assim um opusculo de 32 paginas onde vem publicáda a conferencia que no dia 17 do mez de abril realisou no Teatro da Republica, em Lisboa, o nosso querido amigo e correligionário, sr. dr. Magalhães Lima.

Como tudo o que o grande patriota produz, a sua ultima conferencia é mais um grito de alma que se desprende, grito de amor por esta nacionalidade que Magalhães Lima tanto deseja vêr engrandecido e para o que, numa lucta incessante, vem contribuindo com a sua poderosissima inteligenciu sem olhar a sacrificios que de algum modo o façam esmorecer, abandonando essa honrosa missão que a si proprio impoz o ilustre Grão Mestre da Maçonaria Portuguêsa.

Com os nossos agradecimentos a Magalhães Lima, por nos ter distinguido com a oferta do novo livro, vai tambem o abraço para o homem cujo nome nos acostumámos a venerar desde criança como simbolo duma ideia redentôra, para o combatente audaz dos preconceitos, da seita negra e defensor entusiasta do livre pensamento.

PROFESSOR PRIMARIO

Que deseje colocar-se em Aveiro, dirija-se urgentemente ao professor oficial da Vera-Cruz, nésta cidade.

MENTINDO SEMPRE

Uns safardanas repugnantes, velhos comparsas na antiga comedia que para aí se representa com o fim de quererem fazer passar por honesto e digno, o chefe da cambada, andam a imputar aos republicanos a responsabilidade da demora na prisão dos individuos julgados como conspiradores no tribunal do Porto.

Quem conhece como as cousas decorreram não se encomoda com essas tentativas; mas para aquêles que desconhecem como os factos se passáram e que pódem acreditar na catilinária que a corja anda propalando, é bom explicar-lhes o seguinte:

Pronunciados pelo tribunal désta comarca, se pelos réus fôsse aceite essa pronuncia, cértamente seriam, a seguir, julgados.

Como, porém, se tratava da organisação do tribunal especial e então estava em voga o deferimento de todos os agrávos pelos tribunaes superiores, Jaime Silva, que via no seu julgamento um perigo, apelou para a Relação do Porto. Negado ali o agrávo e subsistindo os mesmos receios, de novo agravou para o Supremo Tribunal de Justiça, onde tambem lhe foi negado deferimento, baixando depois o processo ao 1.º distrito criminal do Porto onde se deveria fazer o julgamento. E' evidentemente claro que para todos os agrávos requeridos e respectivos julgamentos foi preciso a passagem de todos esses largos déz mezes, com que os pataratas enchem a bôca, como próva do doloroso martirio que as pobres vitimas sofreram.

Se o sofreram foi porque assim bem entendeu, como sempre, o seu chefe e amigo, e que nisso deu mais uma próva clarissima do seu grandissimo talento e... previdencia!...

Ora o que os safardanas pódem por aí carpir e revoltar-se é contra o grande chefe, o unico responsavel e culpado de tanta demora, o grande causidico emfim, *a quem os aveirenses devem milhares de beneficios*... que nunca se viram, antes pelo contrario.

"O Futuro de Estarreja,,

Recebêmos o 1.º n.º dêste novo jornal republicano radical, que no domingo iniciou a sua publicação na vila que o seu titulo indica.

E' dirigido pelo sr. Carlos Freire e propõe-se pugnar pelos interesses do concelho enfileirando na politica democratica. Ilustram as paginas do *Futuro de Estarreja*, os retratos dos srs. drs. Afonso Costa, Bernardino Machado e Barbosa de Magalhães.

Ao coléga estarrejense os nossos cumprimentos de bôas vindas.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO	
DIAS	PHARMACIAS
26	ALLA

Brevemente:

CASTA SUZANA
e AMOR DE PRINCIPE

NO BRAZIL

A Liga D. Manuel 2.º desfalcáda

Quem foi o gatuno? O presidente acusa o irmão do bispo de Beja

Referimos num dos nossos ultimos numeros que se havia dado na *Liga Monarquica D. Manuel II*, do Rio de Janeiro, um desfalque de algumas dezenas de contos de reis por onde se provára que os monarquicos ainda não tinham perdido o costume antigo de se apoderarem do alheio sempre que a ocasião lhes fôsse propicia e a quantia de molde a dar-lhes aquêle ar de importancia que era costume aparentarem.

Hoje vâmos completar essa noticia transcrevendo para aqui o que ácêrca do caso vem publicádo na *Gazeta de Noticias*, do Rio, de 5 do corrente, e que tanta sensação tem produzido em toda a parte por onde anda divulgado.

Diz assim o importante jornal:

Correm, ha dias, com inquietante insistencia, boatos ácêrca de um caso absolutamente gráve. Trata-se, nada mais, nada menos, de um grande desfalque levado a efeito contra os cofres da Liga Monarquica D. Manuel II, com séde na praça Tiradentes, por cima do Café Criterium. O zum-zum cresce dia a dia. A Liga está, por isso, atravessando um periodo de intença comoção intestina. Teem havido tentativas varias de exclusão de socios, e os partidarios do acusado, sr. José Leite de Vasconcelos, teem procurado perturbar as reuniões da Liga. A Liga Monarquica D. Manuel II é de sobejo conhecida do público. Ela tem tomado parte saliente nos ultimos acontecimentos politicos de Portugal, já enviando recursos monetarios ao capitão Paiva Couceiro, já se interessando vivamente pela restauração do antigo regimen naquêle país. Fundada no Rio de Janeiro, por homens de consideração e prestigio na colonia, tem a Liga conquistado muitas simpatias pelos seus processos ordeiros de propaganda e pela tenacidade tranquila com que se bate pelo seu ideal politico. A Liga tem tido papel saliente nas diversas fases agitadas da politica portuguêsa. Os jornaes já por vezes entrevistaram os membros da directoria. São fantasticas as cifras em que monta, segundo corre, o dinheiro que essa associação tem remetido para Portugal, a fim de auxiliar a causa da restauração. No ano passado, na ocasião em que a empreitada de Paiva Couceiro parecia caminhar para um exito seguro, a Liga chegou a registar nos seus livros cêrca de 15:000 socios contribuintes. Por aí se póde fazer ideia da importancia déssa associação. Assim, a Liga nunca se descuidou dos seus ideais. Para manter uma propaganda firme e para custear a empreza de Paiva Couceiro, estamos informados de que os socios da Liga fizéram grandes, decisivos sacrificios. Destarte o dinheiro entrava a rodo para os cofres da Liga. De uns tempos para cá, porém, quando a maioria dos socios e a propria directoría julgavam prospera a situação financeira da Liga, eis que nasce o boato de que, ao contrario, os seus cofres estavam esgotados. Uma interrogação anciosa despontou. Como? E a quantidade colossal de dinheiro que entrava? Os ultimos balancetes não acusavam grandes remessas para Portugal! Onde teriam ido parar os fundos pecuniarios da Liga?

Naquéla associação, onde se pensava apenas num ideal politico, as preocupações financeiras tinham um caracter secundario. A escrituração era feita como que entre amigos. Não havia, sequer, o menor rastilho de desconfiança. Adotou-se na Liga um metodo de recebimento e pagamento, sem a menor fiscalisação. Só depois de nascida a suspeita é que começaram as lamentações contra esses defeitos.

* * *

O presidente da Liga, o sr. Joaquim Freire, socio da conheci-

da casa denominada *Moinho de Ouro*, assumiu logo, em face dos prodromos de tão melindroso caso, uma severa posição. Tivémos ontem oportunidade de ouvir a s. s.ª E as declarações que se seguem valem como informações sobre as quais não é licito opôr duvidas, pois que élas teem a fôrça da verdade que lhes empresta a autoridade de quem as proferiu. Lealmente diremos que muito nos custou arrancar do sr. Freire estes informes, um pouco dêsse satanico espirito inquisidor de que lança mão o reporter moderno nas ocasiões extremas. O sr. Joaquim Freire, homem sério e correcto nas suas acções, não queria por nenhum modo comprometer os companheiros. E foi diante da perspectiva de, com o seu silencio, comprometer-se a si, que o presidente da Liga resolveu falar. Assim, s. s.ª começou por dizer que, ao perceber na Liga os murmurios de que já eramos sabedores, convidou o sr. Leite de Vasconcelos a renunciar o seu cargo. O sr. Vasconcelos achou que isso era desaforo e não quiz seguir o seu conselho.

— Estive em seguida em Therezopolis veraneando, continuou o sr. Freire. A situação da Liga, longe de melhorar, peorava. Em Therezopolis tive conhecimento de que na minha ausencia se déram aqui factos desagradaveis, como a exclusão, sem meu consentimento, de alguns socios, etc., etc. Parti imediatamente para esta capital e fiz uma intervenção mais violenta. Suspendi os companheiros de directoria que estavam agindo désse modo, marcando uma assembleia geral para tomarmos conhecimento do caso.

— De que caso? indagámos. Do desfalque?

— Sim, do desfalque e outras irregularidades.

— Com que então, acha que houve desfalque?

—E' inegavel que houve, na tesouraria da Liga, facilidades, desvios mesmo, inexplicaveis. Eu não desejo acusar ninguem, mesmo porque, só depois de um balanço rigorosamente feito, é que se póde verificar com certeza a importancia do delito.

Fizemos então ver ao sr. Joaquim Freire que era estranhavel que s. s.ª como presidente da Liga, não estivesse ao par da escrituração. Ao que o sr. Joaquim retrucou:

— A minha posição era melindrosa. Se pedia uma vez que mostrassem este ou aquêle livro, nunca consegui. Eles tinham mil planos. Ora a chave do cofre onde se encontravam os livros, estava com o 2.º tesoureiro, que saiu, ora o 1.º tinha-a esquecido em casa e assim. Forçar a nota, importava em declarar-se a desconfiança. Preferi agir com mais prudencia. Quanto mais que a minha posição ali era de colega dêles e não de chefe.

Perguntámos então ao sr. Freire se o desfalque era, de facto, de 60:000$000 réis, como se dizia. S. s.ª protestou:

—Não creio que seja tão alto mesmo porque faltam-me elementos para dizer o *quantum*. Acho, entretanto, que não vai a tanto.

— Porque?

— Por um apanhado geral que fiz nos livros que já estão em meu poder posso afirmar, mais ou menos, que o desvio não sobe a essa quantia.

— E as suspeitas? Sobre quem recaem?

— Sobre o sr. José Leite de Vasconcelos.

— Apenas sobre êle?

— Apenas. Ele era o tesoureiro, o homem a cuja guarda estava o dinheiro da Liga.

— Era o tesoureiro? Não é mais?

—Ha quatro dias que desapareceu.

* * *

Terminou aí a nossa entrevista. Sobre o sr. Leite de Vasconcelos temos mais as seguintes informações. Esse cavalheiro é acusado de um gordo desfalque em uma outra associação, cujo nome não nos ocorre. Quanto ás suas posses pessoais, informou-nos o sr. Freire, que Vasconcelos não tem vintem de seu. Que exercia as funções de tesoureiro sem ordenado, apenas por *dedicação* á causa politica da restauração.

* * *

Procurámos, ontem tambem, saber na séde da Liga D. Manuel II o que quer que houvesse de verdade sobre o escandaloso facto. Não encontrámos ninguem que nos pudesse informar. Nenhum membro da directoria lá se encontrava nem tão pouco o redactor dos *Ecos de Portugal*, orgão oficial da Liga. Esse jornal tem já deixado transparecer qualquer cousa a respeito. Apenas na escada da Liga permanecia o continuo, juntamente com varios associados. Indagámos:

— E' verdade que o sr. José Leite de Vasconcelos, que foi tesoureiro da Liga, não pertence mais á sua directoria?

— Não o sabemos, disseram-nos. A'manhã, em assembleia, é que se vai deliberar...

— E a que horas se realiza a reunião.

A's 5 horas da tarde.

* * *

E', portanto, hoje, ás 5 horas da tarde, que em assembleia geral vai ser discutido esse caso que muito está preocupando a colonia portuguêsa.

Como por este reláto se vê, o tal Leite de Vasconcélos, tesoureiro da *Liga*, é irmão do padre Sebastião de Vasconcélos, ex-bispo de Beja, que em Portugal deu muito que falar quando viéram a público as scenas degradantes com que passou á posteridade.

E é com gente désta que Paiva Couceiro quer restaurar a monarquia?

Que pateta!...

BREVEMENTE:

Casta Suzâna

e Amor de Principe

A COMPANHIA DE JESUS

Calembourg

O' jesuitas! vós sois dum faro tão astuto,
Tendes tal corrução e tal velhacaría,
Que é incrivel até que o filho de Maria
Não seja ainda velhaco e não seja corruto,
Andando ha tanto tempo em tão má companhia.

Guerra Junqueiro.

NOTAS DA CARTEIRA

Pelo sr. Joaquim Fernandes Martins, oficial do registo civil, foi na quarta-feira lavrado em casa da sr.ª D. Virginia Amelia Valverde Serrão, o auto do seu casamento com o nosso amigo de infancia Pompeu da Costa Alvarenga, rapaz devéras estimádo em Aveiro pelo seu caracter e lhaneza de trato, socio da importante casa comercial do Congo Belga, Alvarenga & Irmão *e natural désta cidade.*

A noiva é uma gentil senhora, de educação esmerada e muito formosa, que hade, com certeza, fazer a felicidade do novo lar, santuario de amôr ao qual desejâmos infinda existencia com as maiores felicidades de que é digno o ditoso par.

Assistiram e assináram, como testemunhas, o auto de registo as seguintes pessoas presentes: D. Maria do Carmo Serrão, D. Joséfa de Jesus Grijó, Adolfo Butler Elerperk, D. Rosalina Augusta da Costa Grijó, Nuno Maria da Costa Alvarenga, D. Adélia Augusta de Amorim Álvarenga, dr. André dos Reis, D. Augusta Serrão Butler Elerperk Reis, D. Juliana Leite da Costa, D. Maria da Conceição Azevedo, D. Maria José Serrão de Carvalho e D. Amelia Sofia Serrão.

Os simpaticos noivos partem ainda este ano para o Congo, onde vão fixar residencia.

=Estêve em Aveiro o nosso conterraneo e amigo, sr. Egdeberto de Mesquita, chefe dos serviços da arborisação das dunas em Leiria.

Já retirou para aquéla cidade.

=Com demora de alguns dias seguiu para a capital o nosso amigo, sr. Antonio Dias Pereira Junior.

=Melhorou algum tanto o sr. padre Bruno Teles a quem muitos amigos teem visitado na sua vivenda das Aradas.

DE INTERESSE PÚBLICO

Dimanádo da administração do concelho, foi-nos entregue uma folha contendo as instruções que dévem ser observadas pelas praças com licença e que nos apressâmos a reproduzir, como nos é pedido.

Diz assim:

Os soldados licenciados continuam a pertencer aos seus regimentos, batalhões e companhias, salvo se, no acto do licenciamento, declararem ir residir em distrito de recrutamento diferente daquêle que corresponde ao regimento a que pertencem, porque, nêsse caso, serão transferidos imediatamente para o regimento correspondente ao distrito de recrutamento para onde vão residir.

As praças licenciadas conservam os mesmos números de companhia e de matricula emquanto pertencerem ao mesmo regimento. Devem ser portadoras das suas cadernêtas, devidamente escrituradas, e apresentar-se, com élas, aos administradores dos concelhos onde vão residir, para estes lhas visarem e registarem a apresentação nos cadernos que estão a seu cargo, já especialmente destinados a esse fim. Quando mudarem de domicilio, deverão fazer a respectiva declaração ao administrador do concelho, para êste comunicar a mudança ao regimento. Se, porém, residirem na localidade onde está a séde do regimento ou do batalhão a que pertencem, entregarão a declaração no próprio regimento ou batalhão, como fariam se estivessem em serviço efectivo. Se a mudança de domicilio fôr para distrito de recrutamento diferente daquêle que corresponde ao regimento a que pertencem, deverão requerer, por escrito, a sua transferencia para o regimento correspondente ao distrito de recrutamento onde vão residir, como fariam se estivessem em serviço efectivo. Este requerimento póde ser entregue ao administrador do concelho, quando a praça requerente resida em localidade diferente daquéla onde está a séde do regimento. O administrador do concelho envia imediatamente êste requerimento ao regimento.

As praças licenciadas devem conservar com todos os cuidados os artigos de fardamento que levarem, mas não pódem fazer uso dêles senão quando fôrem chamadas para serviço. Aquêles que, dois dias depois de licenciados, fôrem encontrados usando artigos do uniforme, serão presos e punidos. Todos devem conservar a sua caderneta em seu poder, e apresentar-se com éla, todas as vezes que sejam chamados ou tenham de tratar qualquer assunto com as autoridades civis ou militares.

Apresentar-se-hão, o mais prontamente possivel, devidamente uniformisados e com a sua caderneta, no quartel ou no local que lhes fôr determinado, logo que sejam convocados. Os que faltarem, sem motivo de força maior, são considerados desertores. Todos são chamados, cada ano, para fazerem duas semanas de serviço (escolas de repetição). Esta chamada deve realizar-se, principalmente, no mês de Setembro. As convocações ou chamadas, tanto ordinárias como extraordinárias, são feitas por editais, avisos e quaisquer outros meios. A afixação de editais nos lugares públicos, convocando os militares licenciados, constitue aviso legal e intimação suficiente para a apresentação dos mesmos militares nos locais, dias e horas indicadas. As autoridades militares e civis farão, porém, tornar pública por todos os meios ao seu alcance qualquer convocação de militares licenciados.

As praças licenciadas ficam sujeitas ao regulamento ou código disciplinar logo que vistam o uniforme, sejam convocadas, estejam dentro dos quarteis, repartições ou estabelecimentos militares, estejam tratando qualquer assunto com superiores, ou tenham recebido qualquer ordem de serviço. Não pódem esquecer-se de que são militares que estão na situação de *licença* até serem chamados. Os militares licenciados não pódem ausentar-se para fóra do continente ou das ilhas adjacentes sem licença superior. A ausencia sem licença para o estrangeiro constitue deserção. Uma boa prática que convirá que todos sigam, e que poupará muitos incómodos, consiste em se corresponderem directamente com os primeiros sargentos ou com os comandantes das suas companhias, para lhes pedirem todos os esclarecimentos de que necessitem e fazerem quaisquer comunicações. A companhia mais mobilizável será, evidentemente, aquéla cujo comandante souber, sem dificuldades e sem demoras, onde estão todos os seus subordinádos.

Novo livro

A *Bibliotéca de Educação Moderna* acaba de expôr á venda mais um novo livro de flagrante atualidade traduzido pelo deputado Ribeiro de Carvalho, e que tem o sugestivo titulo de **Problemas Sociaes.**

Néste magnifico livro expõe o seu auctor—o eminente e sabio economista *Gustavo de Molinári*—com uma lucidez de raciocinio verdadeiramente admiravel, as melhores doutrinas e as mais consentaneas com o estado actual da sociedade.

Livro de verdadeiro interesse, quer para estudiosos, quer para o grande público, os *Problemas Sociaes* representam um valiosissimo concurso para a Educação social e civica do Povo. Esta bela obra de *Molinári* trata, de maneira singela e ao alcance de todos, os seguintes assuntos: *O problema religioso, O problema moral, O problema economico, O problema do governo individual, O problema do governo colectivo*, o *Estatismo*, o *Militarismo* e o *Proteccionismo*.

E' um livro forte, de uma lógica implacável, de uma análise serena e fria —obra de um espirito que se não deixa arrastar por sonhos nem por fantasias. Não transige com o conservantismo de uns, nem se deixa deslumbrar pelas aspirações irrelizáveis de outros. *Gustavo de Molinári*, que foi redactor principal do *Jornal dos Economistas*, de reputação mundial, é um analista severo e frio. Este livro *Problemas Sociaes*, agora traduzido para portuguez é de um altissimo valor, e constitue o 11.º volume da *Bibliotéca de Educação Moderna*, que tem visto excelentemente apreciada a sua iniciativa.

Ao sr. Ribeiro de Carvalho os nossos agradecimentos pela oferta do novo volume.

BREVEMENTE:

Casta Suzâna
e Amor de Principe

Na policiá

Consta-nos que corre pela policia o apuramento de responsabilidades sobre determinádos factos passados numa casa da ruá da Sé e em que está envolvido um bebedo incorrigivel, autor de varios escritos de ataque á Republica e outras proezas com que conseguiu salientar-se no nosso meio.

E' bom, é bom que a policia procêda e não pérca o *gajo* de vista pelo menos emquanto o iracundo *nefelibata* não fôr açaimádo...

Tribunal Maritimo Comercial de Aveiro

Já se acha constituido este tribunal que no proximo sabado, 25 do corrente tem de julgar o maritimo Manuel da Rocha, filho de Diniz da Rocha, desta cidade, por ter desertado de bordo do lugre *Dolôres* pertencente á *Parceria Maritima-Aveirense.*

Necrología

Faleceu na sua casa da Beira-Mar, a sr.ª Rosa Gamelas, mãe do sr. José Gonçalves Gamélas, acreditado negociante.

Era uma santa velhinha, muito considérada por todos, que baixou á sepultura vergáda ao peso dos anos e com as bençãos de aquêles a quem fez bem.

=Egualmente deixou de existir a sr.ª D. Maria Carolina da Costa Goes, mãe do farmaceutico désta cidade, sr. Augusto Goes.

A's familias enlutadas os nossos pêzames.

Comunicado

As ruas de Cacia

E' devéras inapreciavel a fórma como o sr. Tavares dá o seu parecer sobre a aplicação do dinheiro da subscrição para as ruas de Cacia, no *Jornal de Estarreja*, n.º 1281 de 9 de março, e que nos léva a não concordármos, obrigando-nos a, desde já, lançármos os nossos protestos. Sendo nós um dos que trouxemos á luz este melhoramento, seriamos tambem o primeiro a retiral-o se o entendessemos desnecessário.

Julgará o sr. Tavares que o dinheiro não dando para os candieiros dará para o hospital, ainda que auxiliádo pelo governo? Engana-se. Nós temos a certeza de que o governo não nos auxiliará néssa obra, pois as nossas finanças estão em precarias circunstancias, e têmos estabelecimentos em abundancia, nas cidades, que muito bem se pódem utilisar para esse fim, além de que pouco distâmos de Aveiro para onde têmos sempre rapidas comunicações.

Cacia precisa de luz nas ruas e nos cerebros, de embelezamento e da nomenclatura das ruas.

Que nos importa que daqui a 1, 2, 3 ou 4 anos nós tenhâmos de abrir outra subscrição, ou mesmo que os candieiros fiquem colocados sem dar luz? Provâmos com isso que meia duzia de *patriotas*, amigos do progresso, trabalharam em prol da sua terra natal.

Mas não socederá isso porque Cacia tem meia duzia de filhos que trabalham por ela tudo quanto pódem. Aqui, em Parnahyba, os nossos patricios deixaram de concorrer para a subscrição mas, vamos a outra cidade e eu far-lhes-ei vêr a eles que no meio brazileiro arranjarei a subscrição digna da minha pessoa, e de que já dei provas para as *bodas de prata* do *Jornal de Estarreja*, sem que eu estivesse aínda muito relacionado nêste meio o que hoje já não acontece.

O dinheiro não deve pois ser aplicado em outros melhoramentos mas sim nos já destinados. E o nosso bom amigo José Maria Tavares, não se recusará a comprar as placas como prometeu.

E como de luz é que se precisa, estamos cértos que o amigo Tavares nos perdoará estas linhas, e trabalhará para que se consiga a iluminação na freguezia.

Parnahyba (Brazil), 1 de maio.

O. Junior.

MOVIMENTO MARITIMO

Barra de Aveiro

Entradas—Dia 9: canôa de pesca *Amor e Amizade*, tonelagem 15, com peixe, de Cezimbra. Mestre José Santana; tripulantes, 9.

Dia 10: chalupa *Béla Jardineira*, tonelagem 82, com petroleo, do Porto. Mestre Francisco da Rocha; tripulantes 7.

Chalupa *Atlantico*, tonelagem 18, com petroleo, do Porto. Mestre Manuel Gonçalves Vilão; tripulantes, 5.

Dia 19: vapor *Lince*, tonelagem 32, vasio, do Porto. Mestre Francisco Alves; tripulantes, 5.

Dia 21: chalupa *S. José*, tonelagem 30, com peixe, de Peniche. Mestre Antonio do Nascimento; tripulantes, 6.

Saidas—Dia 16: canôa de pesca *Gratidão*, tonelagem 16, com sal, para Peniche. Mestre Ricardo Gomes; tripulantes, 9.

Dia 20: canôa de pesca *Amor e Amizade*, tonelagem 15, com sal, para Peniche. Mestre José Santana; tripulantes, 9.

Vapor *Lince*, tonelagem 32, vasio, para o Porto, levando a reboque 3 barcaças construidas em Ovar e Ponte da Rata. Mestre Francisco Alves; tripulantes, 5.

Dia 21: chalupa *Atlantico*, tonelagem 18, com lastro, para o Porto. Mestre Manuel Gonçalves Vilão; tripulantes, 5.

CORRESPONDENCIAS

Cóvas (Taboa), 15

Tem causado aqui, entre os bons republicanos, a maior indignação as absolvições dos conspiradores ultimamente julgados (?) nos tribunaes comuns de Lisboa e Porto, que em tudo teem imitádo o *defunto* tribunal das Trinas.

Este facto é tanto mais para lamentar, quanto é certo que teem sido absolvidos reus confessos e os bandidos que, auzentes em Hespanha, andam conspirando contra a Patria e contra a Republica!

Como patriotas, aqui lavrâmos o nosso mais veemente protesto contra o faciosismo do juri, que tão escandalosamente protege os inimigos da Patria e da Republica. Infelizmente o nosso protesto nada vale; mas trairiamos a nossa consciencia de republicano sincero e intransigente se ficassemos silenciosos perante este estado de coisas. Continuaremos a lutar em pról da Patria e da Republica, como outr'ora lutámos contra o regimen imoral dos *adeantamentos*, cujos erros execrandos os nossos leitores sobejamente conhecem.

Quando, em 5 de março, o sr. dr. Antonio José de Almeida apresentou ao parlamento o projecto de amnistia aos conspiradores, sua ex.ª disse: *Para êle, orador, a hora da amnistia chegou: é o momento atual. E tão seguro está de que éla é um acto necessario, que, mesmo se soubesse que os clarins das tropas de Couceiro vibravam já, em marcha sobre Portugal, a concederia.*

Eis como o sr. Almeida fez a sua estreia, como chefe do partido evolucionista! E' deveras lamentavel que s. ex.ª se tornasse protector de miseraveis sicários a quem não coube o escrupulo de se associarem a uma tentativa de assassinio á mãe Patria!

Mal diria o chefe do evolucionismo que os seus protegidos seriam *amnistiados*... não pelo parlamento, mas pelos tribunaes, onde, ao que parece, impera o *evolucionismo de caranguejo*.

Triste e bem triste é a orientação politica do sr. Almeida, que renegou o seu passado, para conquistar as simpatias dos inimigos da Republica, com o fim de com êles engrossar o seu partido.

Idem, 16

Acabâmos de vêr, pelos jornaes, que os conspiradores implicádos, no *complot* de Aveiro foram absolvidos.

Não nos surpreendeu a noticia da absolvição destes cavalheiros...

A sua condenação é que era para estranhar. Triste é dize-lo, mas é verdade. Ocorre perguntar: estes e outros cavalheiros de egual jaêz tem guia de marcha para... onde?!

C.

Idem, 19

Pela leitura do ultimo n.º do *Democrata* se vê claramente o que foi esse célebre julgamento dos conspiradores de Aveiro.

Causa magua a todos os republicanos sinceros a forma como certos juiz estão procedendo nos julgamentos dos conspiradores! Castiguem-se severámente esses juizes facciosos que, não cumprindo as leis da Republica, estão fazendo causa comum com os monarquicos. Para honra e dignidade da Republica esses juizes não podem nem devem continuar, por mais tempo, a exercer as funções de magistrados, ao serviço da Republica, contra a qual estão tambem conspirando, visto favorecerem abertamente os inimigos das instituições.

A'vante pela Republica!

A'lerta republicanos aveirenses!

Não consintis que essas infimas creaturas agora absolvidas, afrontem os vossos ideaes de bons republicanos e patriotas.

A'lerta, pois!

C.

Pinheiro, 20

Afim de se habilitarem convenientemente, encetaram já as suas lições de piano com a sr.ª D. Amelia Pinto Faca, distinta professora em Aveiro, as galantes meninas sr.ªs D. Laura de Melo e Emilia d'Almeida Faca, respetivamente filhas do sr. Francisco Melo, de Pardos e da sr.ª D. Ermelinda Faca, de Fontes, Alquerubim.

Atendendo á grande vocação e conhecimentos musicaes da distinta professora é de prevêr que as suas discipulas, que manifestam, tambem, verdadeiro genio artistico, venham a interpretar a arte de Mosart e Bethoven com aquêle sentimento proprio de artistas consagrados.

= Do recente encomodo que sofreu, tem apresentado sensiveis melhoras o sr. Joaquim Bastos.

= De visita a sua familia, chegou da capital o nosso amigo, Adolfo Marques de Oliveira, zeloso empregado da Imprensa Nacional.

Os nossos cumprimentos.

= De passagem vimos aqui, em Pinheiro, no domingo ultimo, os srs. dr. José Nogueira Lemos, Vicente Rodrigues Faca, acompanhado da sua ex.ma esposa e filhinho e dr. Lourenço Peixinho, de Aveiro.

=Enviâmos os nossos cordeaes parabens ao nosso amigo Joaquim Ribeiro de Matos, por mais uma vêz ter sido contemplado com a sorte grande assim como outros amigos interessados, dando-nos o prazer de ouvir, por tal motivo, o respectivo foguetorio... que foi o aviso da novidade.

Parabens.

= No sabado 25 deve seguir para a capital, no rapido da manhã, a sr. D. Zulmira de Oliveira Melo, a quem apetecemos uma excelente viagem e regresso breve, com o conhecimento completo do estudo em que se vae aperfeiçoar.

C.

Parnahyba (Brazil), 1

Continuâmos a protestar contra o estado do vice-consulado nésta cidade. E' vergonhoso, é triste e desagradavel para a Republica, mas o govêrno não nos quer atender. A colonia oficiou ao Consul Geral, em Pernambuco, lamentando os episodios aqui sucedidos, mas segundo nos contaram, sua ex.ª não tem andado muito direito e será razão suficiente para nos atender como é de justiça.

Na capital dêste Estado consta-nos ter sido nomeado vice-consul de Portugal o nosso amigo sr. Vicente Sequeira. Ora sendo na capital do Estado a colonia menór, e com vice-consul português, porque é que nós aqui tambem o não temos? Mas já não quero ser tão exigente; ao menos pedimos um brazileiro, mas que zéle os nossos interesses.

Contra o actual protestâmos e havemos de protestar sempre.

=Surgiram á luz da publicidade mais dois periodicos: um, com o seu programa bem traçado e comprindo á risca, tendo á frente da sua redacção os melhores jornalistas désta cidade; outro um jornal *mexerico* do odio, da vingança e da mentira, e que não nos admira porque o seu redactor tem tudo quanto é máu.

O primeiro chama-se *O Rebate*, orgão que tem por fim defender os principios da Liberdade, Ordem e Progresso, militando no partido republicano conservadôr que é chefiado por uma das mais altas capacidades brazileiras general Pinheiro Machado; o segundo a *Cidade da Parnahyba*, cuja redacção é uma cafurna de odio, que tem por fim defender a politica e os adeptos do nosso vice-consul.

= Passou o aniversario da folha local *Auras do Norte*. Os seus redactores festejaram o dia com fogo, e estreía da sua nova bandeira.

Enviamos-lhes as nossas efusivas saudações.

=Faleceu nos suburbios désta cidade, o sr. Adriano Gaspar, tio do nosso bom amigo e assinante capitão Gentil Ribeiro, e genro do distinto clinico désta cidade, D. Joca Bastos.

=Chegou a esta cidade o nosso bom amigo padre Adherbal de Castro, tio da esposa do estimádo O. Junior.

=O inverno tem sido prolongadissimo, continuando a alagar os campos. Ruas da cidade ha em que se não póde transitar. Devido á agua teem caido muitas casas.

Zenit.

Sobrado de Paiva, 22

Por dizer a verdade, porque é clara, quiz alguem insinuar, que nós, autor da ultima correspondencia, eramos um aliado fiel do cidadão administrador do concelho.

E' falso, redondamente falso.

Politicamente estâmos em desarmonia com êle, porque não compreendemos a sua politica de atração.

Pois póde por ventura compreender-se, que um velho delegado da associação do registo civil, que garante possuir documentos de velho revolucionario, um radical afonsista, que jura ser cegueira tornar em demasia simpatico ao clero e aos que hontem, na adversidade, o escarneceram e perseguiram?

Só o seu fanatismo pela Republica assim o póde fazer proceder.

Ora o fanatismo na religião, como na politica, é sempre de efeitos perniciosos. A Republica tem de fazer-se com os monarquicos. Mas... cautela...

Se, porém, lhe combatemos a politica, em nosso entender, creada, não podemos deixar de aplaudir a fórma porque na questão das estrumeiras de Serradelo tem procedido, libertando-se de

Grandes Armazens do Chiado

E' esta casa só uma unica nésta cidade, e continúa como sempre instalada debaixo dos Arcos, onde toda a gente deve fazer as suas compras que, como se sabe, é de todas a unica que póde vender aos preços das fabricas.

Prefiram só esta casa, que só se encontra

Debaixo dos Arcos

todas as coacções e esforçando-se porque a lei não seja calcada aos pés.

=Na visinha freguezia de Pedorido deu-se um caso milagroso: Uma menina enferma, fez uzo das aguas de *Lourdes* encontrando grandes melhoras. Seria bom que na comissão municipal administrativa se fizésse uzo das mesmas...

Talvez fizéssem o milagre do sr. Rebelo dizer para o futuro bem das instituições. A dar-se o facto, era na verdade um grande milagre, porque nos dispensava de irmos importunar o cidadão administrador.

C.

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

ANUNCIOS

Loteria

DA

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

60:000$000 REIS

Extracção a 13 de Junho de 1912

Bilhetes a..... 30$000
Quadragesimos a.. 750

A tesouraria da Santa Casa incumbe-se de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao tesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de pronta cobrança.

A quem comprar 5 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 % de comissão.

Remetem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 2 de maio de 1912.

O tesoureiro,

L. A. de Avellar Telles.

Bom emprego de capital

Por ter de retirar-se de Alquerubim o seu proprietario, vende-se um lindo predio de casas assobradadas, com mobilia, jardim na frente e gradeamento de ferro, sito nos Gramoais, entre Paus e Beduido, com um grande quintal, rodeado de vinhas e arvores.

A casa, que tem seis quartos, sala de jantar e de vizitas, escritorio, casa de banho, dispensa, cosinha etc, etc, tem agua em todas as despendencias e é iluminada a acetilene.

As condições do prédio são magnificas, tendo comodidades para lavrador.

Vendem-se, além deste predio, algumas terras no campo e pinhaes no monte.

Se o pretendente não poder dispôr de toda a importancia porque lhe sejam vendidas estas propriedades, o vendedôr aceitará hipotéca para garantia do seu capital.

A tratar em Alquerubim com o seu proprietario, o sr. José de Oliveira Matoso.

PREDIO. Vende-se um na rua de José Estevam.

Tráta-se com Viriato Ferreira de Lima e Sousa, morador na mesma rua.

Le Miroir de la Mode

Atelier

DE

CHAPEUS e VESTIDOS

Nêstes *ateliers* executam-se com toda a perfeição e rapidez os artigos inerentes aos mesmos.

Satisfazem com prontidão todas as encomendas que lhes fôrem pedidas para a provincia para o que enviarão os respectivos figurinos tanto para a escolha de chapéus como de vestidos. Confeccionam enxovaes para casamentos e batisados.

Pedidos para a Praça Carlos Alberto, n.º 68—PORTO.

A CAMARA MUNICIPAL

DO

Concelho de Vagos

Faz público que no dia 4 de Junho pelas 14 horas e meia, na sala das sessões, perante a Comissão Municipal Administrativa, terá logar o concurso, por meio de carta fechada, para a arrematação da empreitada do fornecimento da parte metalica da canalisação da agua potavel do abastecimento da vila de Vagos, constando do seguinte:

Tubos de ferro galvanisado 3530,m00 com o diametro interno de 0,m08 e 440,m00 com o diametro interno de 0,m05. Tubos de ferro laminado pretos 415,m00 com o diametro interno de 0,m08. 50,m00 de tubos de aço com o diametro interno de 0,m08 com as juntas de flanges. Acessórios—zincados, 4 curvas e dois joelhos redondos, diametro 0,m08, 6 curvas e 4 joelhos redondos diametro 0,m05. Uma união de reduções de 0,08 para 0,05—10 tês tendo as duas bocas longitudinaes 0,m08 de diametro e a outra 0,05. 2 cosquilhos de 0,m08, 2 idem de 0,m05.—4 tacos de 0,m08 e 2 de 0,m05—6 ventosas completas e 6 tês para ligar estas ao tubo de 0,m08. Torneiras em bronze ou latão, 5 torneiras de paragem ou passadores para tubos de 0,m08.—6 idem para tubos de 0,05.—5 idem de descarga para tubos de 0,m05.—2 flanges de união dos tubos de 0,m08 de diametro com flanges dos tubos de aço.—2 marcos fontenarios em ferro fundido.—2 placas fontenarias do mesmo metal.—3 torneiras de pistão para os marcos e placas.

Todo este material será posto na estação do caminho de ferro de Aveiro.

Base de licitação 3.831$630 reis.—Deposito provisorio reis 95$790, definitivo 5 % da importancia da arrematação.

As condições e encargos da arrematação estão desde já patentes na Câmara Municipal de Vagos, desde as 10 ás 16 horas. A tesouraria da Câmara passa guias para efectuar o deposito provisorio até ás 13 horas do dia da arrematação.

Os concorrentes estão sujeitos ao despacho de 18 de Abril do Ministro do Interior.

Secretaria da Câmara Municipal de Vagos, 11 de maio de 1912.

O Presidente da Comissão,

Vasco Corrêa da Rocha.

Pennas com tinta permanente

A

150 REIS

Souto Ratolla

Costeira—AVEIRO

Juizo de Direito

DA

COMARCA DE AVEIRO

EDITOS

2.ª publicação

Por este juizo, escrivão Marques, correm éditos de trinta dias a contar da 2.ª e ultima publicação dêste anúncio, citando o herdeiro José dos Santos—o *Chaminé*, cujo estado se ignora, ausente em parte incérta do Brazil, para todos os termos do inventario de ausente a que se procede por obito de sua mãe Joana dos Santos, solteira, moradora, que foi, em Vila Nova da Palhaça, artigo 696, § 3.º do Codigo do Processo.

Aveiro, 14 de maio de 1912.

O escrivão do 3.º oficio

Francisco Marques da Silva.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão.

Adubos quimicos

A importante casa negociante de Adubos Quimicos e artigos congeneres, **O. Herold & C.ª**, com séde em Lisboa, lembra a todos os srs. lavradores e negociantes de adubos quimicos dos distritos de Aveiro, Viana do Castélo, Porto e Braga o seu escritório de venda e deposito na cidade do

PORTO

22, Rua da Nova Alfandega.

Os srs. lavradores e revendedores da mencionada área, queiram, pois, dirigir toda a sua correspondencia e encomendas a

O. Herold & C.ª

PORTO

A casa

O. HEROLD & C.ª

PORTO

está autorisáda e habilitáda pela séde de Lisboa a fechar todas as transações nas condições mais vantajosas possiveis para os compradores, não havendo para os freguezes nem o mais pequeno aumento pelo facto de se entenderem com a sucursal do Porto em vez de com a séde de Lisboa. Todos o lavradores da mencionada região teem, pelo contrario, a grande vantagem de serem mais rapidamente servidos pela sucursal do Porto tanto com as respostas ás suas perguntas como com expedições porque se poupa o tempo que a troca de cartas com Lisboa exige.

Os lavradores do concelho do Porto e dos concelhos cicunvisinhos e que frequentemente teem carros para o Porto teem a grande vantagem de poderem ser a todo o momento servidos de adubos no armazem do Porto que está aberto todos os dias.

Do escritório do Porto um empregado-viajante percorre ameudadas vezes, em viagem, a área dessevida pela dita sucursal.

O HOMEM REJUVENESCE

Se aos homens de edade é triste a perda de energia que os anos acarretam, aos novos é então devéras dolorosa a ausencia da vitalidade, que lhes tira a alegria da vida, o prazer da existencia. Pois bem, o DR. SCOTT, medico eletricista, cuja fama está universalmente espalhada, chegou, no fim de 30 anos de experiencias, a achar a solução para restaurar a fraquêsa dos orgãos genitaes, seja qual fôr a edade ou a causa dêsse enfraquecimento. **O suspensorio eletrico-magnetico** de sua invenção, garante **rejuvenescer e vitalisar.** Todos os exaustos de forças pódem reavêl-as e conserval-as permanentemente.

Estes **Suspensorios** estão sempre carregados, não necessitam banhos e por conseguinte não causam irritação alguma. Usam-se como os suspensorios comuns e duram muitos anos **conservando sempre a mesma influencia elétro-magnetica.**

PREÇOS (**Standard** .... **5$500**
(**Força Extra**......... **7$500**
(« « **XXX**.. **9$500**

Para a provincia e ilhas, mais 150 reis; Africa, 405 reis.

LISBOA

M. L. DE MELLO, Largo de S. Julião, 12, 1.º

Éditos de 30 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Por este Juizo e cartorio do escrivão do quarto oficio—Flamengo—na execução hipotecária em que é exequente Fernando Augusto da Naia, solteiro, proprietario, da Gafanha, e executados Manuel Marques de Miranda Novo e mulher Maria Rosa Tavares, proprietarios, residentes no logar do Paço, freguezia de Esgueira, e todos désta comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação dêste no respectivo jornal, chamando e citando a viuva e os dois filhos do falecido crédor hipotecário inscrito, Agostinho Marques de Almeida, casado, proprietario, que foi morador em Esgueira, e Dona Rosa da Trindade Borges Taborda de Abreu e marido Antonio Antunes de Abreu e Mélo, tambem crédores hipotecários inscritos, e todos ausentes em parte incérta, para assistirem a todos os termos até final da mencionada execução, e néla deduzirem os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelía.

Aveiro, 22 maio de 1912.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

Regalão

O escrivão do quarto oficio.

João Luiz Flamengo.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—Filiaes: em Ilhavo, *Praça da Republica.*—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5*

Padaria Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude das condições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO